

O CENÁRIO DA SURDOCEGUEIRA, FORMAS LINGUÍSTICAS E A COMUNICAÇÃO SOCIAL HÁPTICA

THE FIELD OF DEAF-BLINDNESS, LINGUISTIC FORMS, AND SOCIAL-HAPTIC COMMUNICATION

Elaine Gomes Vilela¹

A edição temática da *Revista Linguística* intitulada “*O cenário da surdocegueira, formas linguísticas e a comunicação social haptica*” reúne uma coleção inédita de pesquisas que lançam luz sobre os modos de linguagem e comunicação desenvolvidos por, com e para pessoas com surdocegueira. A surdocegueira, enquanto condição singular, convoca a ciência da linguagem a repensar seus fundamentos e a abrir-se a formas sensoriais e corporais de significação que escapam aos modelos tradicionais da oralidade e da visualidade. Assim, os artigos aqui reunidos tratam do tato e do corpo como um todo como canal de percepção e expressão, da mediação sensorial como forma de presença comunicacional e das práticas sensórios hapticas como gramáticas emergentes de um mundo plural.

Organizada em quatro seções temáticas — *Educação e surdocegueira, Tecnologia e surdocegueira, Comunicação e tato e A composição linguística da comunicação social haptica* — a edição apresenta experiências e reflexões que entrelaçam pesquisa empírica, análise linguística e engajamento social, reafirmando o compromisso dos autores com a produção de conhecimento acessível e inclusivo.

Na seção **Educação e surdocegueira**, os artigos exploram possibilidades pedagógicas sensíveis às especificidades da surdocegueira. O artigo de **Fernanda Cristina Falkoski e Shirley Rodrigues Maia**, “*Comunicação Social Hápatica e ‘imagens táteis’: possibilidades para a acessibilidade de pessoas com surdocegueira em contextos de aprendizagem*”, investiga como o uso do tato e da comunicação social haptica pode ampliar o acesso ao conhecimento em ambientes educacionais. Em seguida, **Fernando Fogaça, Victoria Luiza Vargas dos Santos, Fernanda Longo, Ana María Bermúdez Alfaro e Matheus Trindade Velasques**, no artigo “*Jogos de linguagem e a educação matemática nas narrativas de/sobre surdocegos*”, discutem como experiências linguístico-matemáticas revelam novos sentidos a partir das vivências surdocegadas.

Francieli Giza Barichello, por sua vez, apresenta o artigo “*Abordagens inclusivas para surdocegueira no ambiente educacional sob a perspectiva de professores das salas de recursos multifuncionais*”, focalizando os desafios e estratégias de docentes que atuam diretamente com esses estudantes. Já **Lia Claudia Coelho e Éllen Soares de Loiola**, em “*Material didático e adaptado de escrita de sinais para pessoas surdocegadas*”, refletem sobre a produção e adaptação de materiais em SignWriting como ferramenta de acessibilidade comunicacional no espaço escolar.

¹ Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), elaine.vilela1@metodista.br, <https://orcid.org/0000-0002-1452-2796>.

Na seção **Tecnologia e surdocegueira**, são apresentados estudos que articulam práticas pedagógicas com o uso de recursos tecnológicos. **Ana Sara Tomé Borges e Bruno Pereira Garcês**, no artigo “*Surdocegueira e a comunicação: a intersecção da tecnologia assistiva no processo de ensino-aprendizagem*”, discutem como a Tecnologia Assistiva pode mediar o desenvolvimento da linguagem em sujeitos com surdocegueira. Em diálogo, **Lara Gontijo de Castro Souza, Mônica Maria Farid Rahme e Terezinha Cristina da Costa Rocha**, no texto “*Perspectivas sobre a acessibilidade para estudantes surdocegos: diálogos entre comunicação, práticas pedagógicas e tecnologia assistiva*”, analisam experiências escolares inclusivas e as interfaces entre práticas comunicacionais, tecnologias e contextos educacionais.

A seção **Comunicação e tato** traz investigações sobre os sentidos do corpo na produção do discurso e da linguagem. No artigo “*A comunicação social háptica como forma de adentrar no simbólico: uma visada discursiva*”, **Angela Corrêa Ferreira Baalbaki e Thaís Ferreira Bigate** examinam como a comunicação tátil permite acessar representações simbólicas e interações significativas. Em “*Aprendizagem pelos sentidos para a pessoa com surdocegueira: a importância do tato para a comunicação*”, **Beatriz Crittelli e Eder Pires de Camargo** propõem uma perspectiva sensível para a aprendizagem tátil e suas implicações na construção de sentidos. **Flavia Daniela dos Santos Moreira**, com o artigo “*Voz por meio do toque: comunicação por meio da percepção háptica*”, investiga a relação entre subjetividade, percepção e toque na constituição da comunicação. Já **Raffaela Lupetina**, em “*A importância do tato nas formas de comunicação dos surdocegos e na interação com o mundo*”, aprofunda o papel do tato como ponte entre o sujeito e o mundo sensível. Finalizando essa seção, **Raymond Holt, Russ Palmer e Riitta Lahtinen** apresentam “*Mediated social-haptic communication: a research agenda*”, um artigo internacional que propõe diretrizes para uma agenda de pesquisa voltada à comunicação social háptica mediada, integrando práticas e propostas metodológicas.

A última seção, **A composição linguística da comunicação social háptica**, concentra investigações linguísticas aprofundadas sobre os elementos que estruturam uma possível língua social háptica. **Thais Ferreira Bigate, Andrew Ira Nevins e Marcia Noronha de Mello**, no artigo “*Análise do sistema fonológico do conjunto de haptices usado na comunicação de pessoas com surdocegueira no Brasil*”, propõem uma descrição fonológica preliminar dos *haptices*, unidades de toque que formam um vocabulário tátil. Em seguida, **Stephanie Caroline Alves Vasconcelos, João Paulo Navega Roque e João Paulo da Silva**, no artigo “*Comunicação social háptica ou língua social háptica?*”, discutem os critérios linguísticos, culturais e comunitários que podem sustentar o reconhecimento de uma língua tátil. Encerrando a edição, o artigo “*Surdocegueira no contexto de uma língua de sinais familiar em Buriti dos Lopes (PI): emergência e adaptação linguística*”, de **Anderson Almeida-Silva, Angélica Rodrigues, Carlos Douglas Carvalho de Macêdo, Dihego Matheus da Silva Alves e Maria Cecília Ferreira**, analisa a transição de uma língua de sinais familiar para uma forma tátil emergente, demonstrando como a criatividade linguística pode florescer

em contextos íntimos e sensoriais, com adaptações gramaticais próprias, como no uso de pronomes e na datilogia.

Ao reunir essas contribuições, esta edição da *Revista Lingüística* reafirma seu compromisso com a valorização da diversidade linguística, da inclusão sensorial e da produção de conhecimento comprometida com os direitos comunicacionais de todas as pessoas. Longe de propor um modelo único ou normativo de linguagem, os artigos aqui apresentados nos convidam a ampliar nosso entendimento sobre o que é linguagem, quem fala, como se comunica e por quais vias se produz sentido — mesmo (e sobretudo) quando o mundo é percebido por meio do corpo.